

Controvérsia “Schwarcz/Beyoncé”: sociabilidades antagonistas e direito ao debate

The “Schwarcz/Beyoncé” controversy: antagonistic sociabilities and the right to debate

La controversia “Schwarcz/Beyoncé”: sociabilidades antagónicas y el derecho al debate

José Luiz Aidar Prado

Professor no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. É doutor pela PUC-SP, mestre pela USP e bacharel em filosofia pela USP. Foi vice-presidente da Compós e membro do comite de avaliação do CNPq. É autor de *Habermas com Lacan*, *Convocações biopolíticas nos dispositivos midiáticos* e co-autor de *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*, além de organizador de duas hipermídias: *A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal* e *Regimes de visibilidade em revistas*. É editor da revista *Galáxia*

Bruna Luiza de Camilo Allegretti

Doutoranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. É jornalista e bolsista CNPq. Integra o Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa e Discurso - Um dia, sete dias (PUC-SP).

Rafael Giovannini

Mestrando no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP; é graduado em publicidade e propaganda pela ESPMSP. É bolsista CNPq. Integra o Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa e Discurso - Um dia, sete dias. (PUC-SP).

RESUMO

Este artigo analisa a controvérsia no *Twitter* após a publicação da resenha de Lilia Schwarcz na *Folha de S. Paulo* sobre o filme *Black is King*, de Beyoncé. Após situarmos a resenha, o filme e suas reverberações transmidiáticas, debatemos a controvérsia, por meio do exame do *corpus* de 667 tuítes, coletados no período de 10 dias após a publicação no jornal. Analisamos os discursos que sustentam a controvérsia e classificamos as mensagens em 10 grupos temáticos, marcando os pontos nodais que costuram os discursos, bem como seus percursos passionais. Laclau fundamenta a análise discursiva e Greimas o mapeamento dos percursos passionais. Concluímos as análises classificando as posições discursivas em três categorias, situando as posições de sujeito, os

percursos passionais e as posições frente ao antisujeito. Finalizamos com uma reflexão sobre os efeitos no debate democrático desses antagonismos passionalizados.

PALAVRAS-CHAVE: *discurso; antagonismo; Twitter; controvérsia Schwarcz-Beyoncé; Black is King.*

ABSTRACT

This article analyzes the controversy in Twitter after the publication of Lilia Schwarz's review on *Folha de S. Paulo* about *Black is King*, Beyoncé's movie. After situating the review, the movie and its transmedia reverberations, we debate the controversy by examining the *corpus* of 667 tweets, collected within 10 days after the publication in the newspaper. We analyze the discourses that support the controversy and classify the posts in 10 thematic groups, marking the nodal points that sew the discourses, as well as its passionate paths. Laclau bases the discursive analysis and Greimas the mapping of the passionate paths. We conclude the analysis by classifying the discursive positions in three categories, situating the subject positions, the passionate paths, the positions against the anti subject. We end with a reflection about the effects of this passionalized antagonisms on democratic debate.

KEYWORDS: *discourse; antagonism; Twitter; the Schwarcz-Beyoncé controversy; Black is King.*

RESUMEN

Este artículo hace un análisis de la controversia en el Twitter después de la publicación de la revisión de Lilia Schwarz en *Folha de S. Paulo* acerca del film *Black is King*, de Beyoncé. Después de situar la revisión, el film y sus reverberaciones transmidiáticas, debatimos la controversia mediante el examen del *corpus* de 667 tweets recogidos en el período de 10 días después de la publicación en el periódico. Analizamos los discursos que apoyan la controversia y clasificamos los mensajes en 10 grupos temáticos, marcando los puntos nodales que cosen los discursos, bien como sus caminos pasionales. Laclau sostiene el análisis discursiva y Greimas la cartografía de los caminos pasionales. Concluimos el análisis clasificando las posiciones discursivas en 3 categorías, ubicando las posiciones del sujeto, los caminos pasionales y las posiciones frente al antisujeto. Finalizamos con una reflexión sobre los efectos en el debate democrático de esos antagonismos pasionalizados.

PALABRAS CLAVE: *Discurso; Antagonismo; Twitter; Controversia Schwarcz-Beyoncé; Black is King.*

Submetido em 02 de Março de 2021

Aceito em 14 de Junho de 2021

Introdução

Este texto examina a controvérsia¹ ocorrida no *Twitter* a partir da resenha de Lilia Schwarz (doravante abreviada como LS) sobre o filme *Black is King* de Beyoncé (doravante abreviada como B) publicada na *Ilustrada* (na *Folha de S. Paulo*) de 2/8/2020. Antes de adentrarmos na polêmica, um esclarecimento faz-se necessário: não entraram em confronto Schwarz e Beyoncé, mas os defensores de uma e de outra, ou, mais especificamente, de posições em torno delas, caracterizando um embate nas redes entre dois grupos. A síntese da controvérsia nomeada como “Schwarz-Beyoncé” é uma opção dos autores por razões práticas, mas requer que o leitor esteja alertado. O título midiático, por seu lado, jogou fogo na controvérsia: “Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha” (Schwarz, 2020, 3/8/20, p. B9). A historiadora inicia comparando o filme *Rei Leão* original, que serviu de base à obra de Beyoncé, com Hamlet, atentando para o deslocamento espacial: da Dinamarca à África, onde haveria uma “espécie de ode às origens africanas; uma sorte de ritual de iniciação do filho pródigo que volta, finalmente, à casa” (ibidem). A cantora subverte o primeiro *Rei Leão*, agora focando uma “viagem de ida e volta, rumo a um passado silenciado e ausente”, caracterizando uma “elegia da procura” (ibidem). Com a substituição de leões por bailarinos, desloca-se também o percurso temático a fim de celebrar a negritude nos EUA; nesse sentido o filme buscaria a desalienação, o resgate do passado: “em vez do esquecimento, melhor é começar a história outra vez, a partir daquilo que foi pretensamente apagado pelo trauma colonial, mas continua pulsando vivo à espera de seu resgate” (ibidem). De acordo com Schwarz, “o filme

1 É interessante situar a controvérsia em um contexto mais amplo de embates que protagonizam o ambiente digital. Como explica Santos Junior (2016), devido à própria dinâmica das redes sociais, muitas polêmicas de fundo político levam os usuários a se comportarem como fãs, já que a prática política depende do engajamento e da captura pulsional tal qual um fã-clube. No presente estudo, encontramos uma relação entre fãs da cultura pop e fãs que defendem causas políticas. A polêmica situa-se, ainda, em um contexto de enfrentamentos polarizados, mobilizados por interações polarizada que se firmaram nas redes, no Brasil, após as Jornadas de Junho de 2013, especialmente com a ascensão das novas direitas. Sobre essa temática, conferir: Rocha (2018) e Prado e Prates (2020).

chega em boa hora”, depois do assassinato de George Floyd, mas também é passível de crítica: “como nada na obra de Beyoncé cabe só numa caixinha, causa estranheza, nesses tempos agitados do presente, que a cantora recorra a imagens tão estereotipadas e crie uma África caricata e perdida no tempo das savanas isoladas” (ibidem). Os tempos sem dúvida ficariam mais agitados a partir da sua convocação: “Quem sabe seja hora de Beyoncé sair um pouco da sua sala de jantar e deixar a história começar outra vez, e em outro sentido” (ibidem).

Para situar a controvérsia, é preciso falar do filme. *Black is King* é um longa-metragem musical, que serve de álbum visual para *Lion King: The Gift*, uma curadoria de músicas da cantora Beyoncé, que por sua vez foi trilha sonora para refilmagem de 2019 de *Rei Leão*, da Disney. Esses produtos culturais estão ligados por sua *narrativa transmidiática*, que, segundo Fachine (2019), é um modelo de produção orientado “pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelos meios digitais” (Fachine e Lima, 2019a, p.114). Para Jenkins (2006; 2020), o que proporciona esse modo de criação é uma cultura em que convergem os diferentes *media* e seu consumo: *Black is King* é um longa-metragem, disponível na plataforma de *streaming*, mas também é videoclipe e álbum. O usuário é convocado a vivenciar todas essas reverberações transmidiáticas: “um conteúdo repercute ou reverbera o outro, colaborando para manter o interesse, o envolvimento e a intervenção criativa do consumidor de mídias no universo proposto” (Fachine, 2014, p.8). A obra não existe de forma fechada e estável, como um texto único: “cada leitor elabora seu próprio texto em função dos *links* que ativa e do percurso que realiza ao longo das diferentes camadas textuais presentes na máquina” (Fontanille, 2019, p.85). Assim atuam os vídeos feitos pelos fãs explicando as alegorias do filme no *Youtube*, a crítica que Schwarcz escreveu sobre o álbum na *Folha* e todas as menções espontâneas sobre o assunto. Neste artigo, estudaremos apenas uma parte desse fenômeno, a partir da repercussão da

resenha de Schwarz no *Twitter*, mas tendo em conta esse quadro mais amplo de que falamos até aqui. Começemos com o filme.

1. Rei Leão de Macbeth ao Hip Hop

Black is king narra a história de um príncipe, Simba, destinado a assumir o trono de seus ancestrais, mas que rejeita seu destino, encantado pelo mundo moderno, pela cidade e por seus objetos de consumo. Scar, vilão da história original, se aproveita da situação para montar uma emboscada para Mufasa, rei e pai de Simba, matando-o e exilando o príncipe. Simba foge, abandona o mundo tradicional de seus ancestrais e abraça uma estética *trap star*² – oposição que é retomada ao longo do filme pela contraposição entre ancestral/tradicional *versus* não-ancestral/moderno, dois pólos semânticos que estão sempre colidindo, seja pelas imagens apresentadas ou pela música, que mescla ritmos e instrumentos tradicionais com a música pop e o *hip hop*. Nala, interpretada por Beyoncé, é a figura feminina que reconecta o príncipe com seu passado e o ajuda a retomar seu trono, unindo os valores tradicionais com o moderno da cidade. É só pelo amor de Nala que Simba se reencontra com seu dever de ser rei e se reconcilia com seu passado.

A montagem do filme envolve uma sucessão encadeada de videoclipes, constituídos por performances musicais que compartilham elementos comuns, e sua junção forma a narrativa fílmica. Analisando pelas categorias semióticas de continuidade e descontinuidade (Landowski, 2004), *Black is King* pertence à semiótica do não contínuo, pois é uma narrativa convoluta, em que começo e fim se encontram, na qual a sucessão de cenas não é sempre coesa. O não-contínuo é esse efeito de sentido da “fantasia”, que permite uma não literalidade, própria dos videoclipes, em que a continuidade espacial e temporal é a todo tempo rompida; ora o príncipe está na cidade, ora no meio do deserto ou em uma mansão. Essa

² Trap é um subgênero do *hip-hop* criado em Atlanta, com batidas e rimas igualmente aceleradas: as letras giram em torno do consumo de drogas, da busca de sucesso e dinheiro, do cotidiano violento das periferias e das guerras de gangue.

forma de montagem, porém, não é aleatória, sendo regida por escolhas que constituem o efeito de sentido final, de continuidade, que provém da montagem dos videoclipes, contando a história da reconexão de Simba, que é competencializado para poder ser rei a partir da intervenção musical de Nala. Esse sentido final de continuidade constituído pela montagem das discontinuidades depende de uma relação ativa entre o objeto fílmico e o enunciatário, em que a inteligibilidade não está dada, mas se faz nessa relação (Landowski, 2004 p. 105).

A diferença entre *Black is King* e *Rei Leão* é que Shakespeare escreveu uma tragédia, não um filme da *Disney*; logo, o final feliz, dever ser rei/ser rei, é exclusivo dos Simbas. Ao manter estáveis os actantes, papéis temáticos e percursos narrativos, mas subvertendo a imanência do texto (transformando-o em um videoclipe) e suas figurativizações, o enunciador fílmico coloca o continente africano na centralidade. Essa ressemantização traz novas temáticas: autoestima da população negra, ancestralidade e relação entre negritude e consumo. *Black is King*, como seu nome diz, coloca as populações negras como reis e rainhas, ao apontar para a ancestralidade usurpada que o próprio filme busca retomar.

2.A controvérsia

Vejamos agora como os tuiteiros reagiram à publicação da resenha de Schwarcz. Os dados foram coletados do *Twitter* através da ferramenta escrita em Python, *TwittyJar*³, que permite extrair tuítes antigos selecionando e combinando os seguintes critérios: dados, palavras (incluir ou excluir da busca), frases exatas, *hashtags*, menções, idioma das mensagens e lugares (conforme a geolocalização do próprio *Twitter*). O programa cria uma tabela com as seguintes informações: *id* da postagem, data de postagem, *link* do *site* da mensagem, nome de usuário, nome do perfil, mensagem (tuíte), número de seguidores e número de retuítes – os dois últimos critérios utilizados para estimar o alcance da mensagem.

3 Aplicação desenvolvida por George Yiannakas com base no código de Jefferson Henrique. Disponível em: <https://github.com/yiannakasgeorge/TwittyJar>.

Nosso objetivo não é mensurar e quantificar o acontecimento em modelos matemáticos ou de redes, como fazem outras pesquisas com base em redes sociais como os estudos realizados por Recuero (2014) ou Ortelado e Ribeiro (2018), mas apreendê-lo a partir dos discursos. Com tal enfoque – do discurso e das posições de sujeito articuladas por este discurso – uma ferramenta de extração e tabulação de mensagens é a mais relevante para nosso estudo.

Para capturar as opiniões dos defensores de B e dos defensores de LS fizemos uma coleta combinando quatro termos: “Lilia”, “Schwarcz”, “@LiliaSchwarcz” e “Beyonce” no mesmo período da coleta, os 10 dias que se sucederam à publicação do texto, chegando a um total de 689 mensagens. Na sequência, excluímos os casos repetidos ou que estavam fora do critério de coleta, considerando uma base final com 667 mensagens que alimentou a análise. Assim, operamos apenas com aqueles tuítes que articulavam juntos os dois sujeitos dos discursos, LS e B, chegando em uma amostra confiável sobre a controvérsia. Os dados foram organizados em formato de tabela⁴. Por fim, classificamos as mensagens conforme sete categorias construídas a partir das posições antagonistas em relação aos polos que se enfrentam, a fim de gerar grupos temáticos que orientaram o procedimento da nossa análise:

- 1- Ofensas - contra LS, com deboche e percurso passional de ódio
- 2- Raça - contra LS, sem ofensa e deboche, incidindo na questão racial
- 3- Crítica - contra LS, sem ofensa e deboche, com questão racial lateral
- 4- Balanço ponderado
- 5- Defesa de LS
- 6- Sem posicionamento
- 7- Contra a *Folha de S. Paulo*- com questionamento do veículo de comunicação
- 8- Contra B
- 9- Crítica da própria discussão
- 10- Matérias jornalísticas

O mapeamento das 667 mensagens resultou na tabela analítica 1.

4 A tabela contém os dados que serviram de base à análise. Informações pessoais e identificação dos usuários foram ocultadas. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/4562526>>.

Tabela 1: Distribuição analítica dos dados por temas e por faixas de retuítes (autoria nossa).

Classificação	RT					Total Geral	%
	0	1-14	15-45	46-610			
1 - Ofensas - contra LS, com deboche e percurso passional de ódio	41	7	-	1	49	7,3	
2 - Raça - contra LS, sem ofensa e deboche, incidindo na questão racial	76	18	2	1	97	14,5	
3 - Crítica - contra LS, sem ofensa e deboche	184	38	4	5	231	34,6	
3.1 - Engajado	30	10	1	2	43	6,4	
3.2 - Desabafo	32	4			36	5,4	
3.3 - Ironia/humor	42	8	1		51	7,6	
3.4 - Argumento	80	16	2	3	101	15,1	
4 - Balanço Ponderado	50	8			58	8,7	
5 - Defesa de LS	92	11	2	2	107	16	
5.1 - Crítica ao cancelamento	51	4	2	2	59	8,8	
5.2 - Predicados de LS	18	4			22	3,3	
5.3 - Má interpretação	14	2			16	2,4	
5.4 - Argumento de autoridade	6	1			7	1,0	
5.5 - Apropriação capitalista	3				3	0,4	
6 - Sem posicionamento	54	1	1		56	8,4	
7 - Contra a Folha - com questionamento do veículo de comunicação	15	4			19	2,8	

8 - Contra Beyoncé	18	2			20	3
9 - Crítica da própria discussão	8	2			10	1,5
10 - Matérias jornalísticas	8	7	3	2	20	3
Total Geral	546	98	12	11	667	100

Legenda: RT: retuítes, considerados em quatro faixas: zero; 1-15; 15-45; 45-610.

2.1. Ofensas – contra LS, com deboche e percurso passional de ódio

O grupo inclui mensagens com alta carga tensiva, moldadas por intensos percursos passionais. As mensagens são ofensas dirigidas a LS, em sua maioria com repetição de palavrões, usados como interjeições ou como predicados para caracterizar a autora e seu texto. A maior parte da categoria (43 casos) consiste em ofensas dirigidas a LS e/ou sua resenha, podendo ser divididas em três grupos: ofensas escatológicas, desqualificações gerais e ofensas relativas ao lugar de fala, que protestam contra as sugestões da professora sobre a condução da luta antirracista.

mas que bela bosta o texto da Lilia Swarcz sobre a beyoncé (48);
 Vi agora a pouco que a Lilia schwarcz falou merda sobre a Beyoncé. Branco não dá um minuto de paz pra gente nesse país né? (...) (394);
 Eu juro que não sei como a Lilia Swarcz conseguiu escrever esse artigo sobre o álbum da Beyoncé sem pensar meu deus estou sendo patética (442);
 Não é a primeira vez que essa racista de merda dessa @LiliaSchwarcz fala sobre a Beyoncé. Nem lugar de fala ela tem. É impressionante que alguém que se diz "antropóloga" não saiba se colocar em seu lugar (266).

Existem poucas mensagens (6) baseadas apenas na interjeição, que manifestam indignação e espanto perante a resenha. A reação não tem alvo específico, dirigindo-se à polêmica como um todo:

E a Lília Swarcz que arrumou confusão por causa do Álbum Vídeo da Beyonce?
 Eita porrra!!!!!! (409)

2.2. Raça – contra LS, sem ofensa e deboche, incidindo na questão racial

As mensagens têm como centro a questão racial, debatendo a questão do lugar de fala na perspectiva do enfrentamento negro *versus* branco. LS teria desrespeitado os negros ao questionar a luta antirracista de B e sugerir que ela saísse da sala de jantar. Por isso, a historiadora é vista como prepotente, cujo tom professoral também foi motivo de irritação:

Minha senhora você é uma MULHER BRANCA que CRITICA COMO UMA MULHER NEGRA deve se portar ou agir contra o racismo e ainda faz pouco caso da arte que Beyoncé cria. É ofensivo e é triste termos que vir aqui falar isso (57).

Apesar de LS ser o principal alvo das mensagens, a questão não se limita à crítica à historiadora, visando a “branquitude”:

A polêmica da vez Lilia Schwarcz sobre a Beyoncé é lição pra quem não entendeu que defesa apaixonada de branco antirracista é mente colonizada, bem como, branquitude crítica é um desafio que esbarra cotidianamente na arrogância branca. #BlackIsKing (296).

Todas as mensagens do grupo partilham o argumento comum de que uma pessoa branca não pode sugerir como uma pessoa negra deve agir, pois desrespeita seu lugar de fala:

Amiga, o lance é que autoridade você pensa que tem pra dizer que q Beyoncé ERROU? Isso é coisa que só a branquitude te dá. Essa sensação de especialista em assuntos que não são do seu domínio e nem são sobre você e sua condição de existência. Se responsabilize pelo SEU erro (79).

2.3. Crítica – contra LS, sem ofensa e deboche⁵

⁵ Este grupo é o mais retuitado da base e aquele que concentra os posts dos perfis com mais seguidores.

2.3.1. Engajado

Nesse subgrupo temático há uma fala engajada, sem argumentação extensa, no sentido de marcar LS enquanto enunciadora de uma crítica arrogante a B. A tática discursiva é mostrar a falta de compreensão e a atitude desrespeitosa de LS em relação ao trabalho artístico e político de B. LS erra, sobretudo, ao não compreender os sentidos do filme para a cultura negra. O grupo entende que: “Lília ainda não entendeu que quando se trata de lugar de fala sobre a cultura africana ancestral e contemporânea, Beyoncé fala e ela que tem de aprender” (313). Outro post afirma:

“Lília Schwarcz acha que a Beyoncé errou a mão (risos) no seu trabalho áudio visual é? Eu queria saber o que ela pensa sobre ter assinado manifesto anti cotas raciais com um monte de gente branca medíocre e racista enquanto se autointitula especialista em discussão [sic] racial” (15)⁶.

LS é criticada por não saber seu lugar de fala e, ao não saber, desrespeitar e não compreender o filme de Beyoncé. A frase mais agressiva de LS é apontada como a que manda B sair de sua sala de jantar. Isso aparece também em outros subgrupos.

2.3.2. Desabafo

Esse subgrupo enuncia um desabafo, afirmando o erro de LS. A resenha é vista como piada de mau gosto e defende-se que quem precisa sair da sala de estar é LS e não B. Outros, ainda, chocam-se com a posição de LS no passado contra as cotas ou com o fato de a historiadora ser dona da Cia das Letras.

Dps [sic] do bafo da LS hoje eu ouvi toda a discografia da B só de raiva (626).

Até cancelei minha inscrição no canal da LS depois daquele artigo (638).

⁶ O caso 15 tem o maior número de retuítes da base: 610.

A ênfase desse subgrupo está mais em mostrar o afeto diante do erro, do que propriamente em mostrar o erro.

2.3.3. Ironia/humor

Aqui cria-se uma oposição entre a grandeza de B e a falta de entendimento da LS. A grandeza de B aparece como fama de diva pop, conhecimento da cultura negra, poder midiático, penetração de sua imagem na luta antirracista e riqueza (como atributo positivo). Por outro lado, em oposição, LS aparece como metida, alguém que se considera mais do que é ao ensinar B como falar da cultura negra. O humor surge a partir dessa desproporção entre a diva e LS, inadequada. O foco não está mais em mostrar o afeto ou o erro, mas em construir o fora de lugar da enunciação de LS, a partir da desproporção diante da força performativa da cantora. Eis alguns exemplos:

B: a ativista, Grammyada, mundialmente conhecida, produtora, atriz e lenda. Lilia: Schwarcz (143).

O erro da B foi não ter feito um laboratório com a LS (223).

B. é vista aos prantos quando leu a crítica da LS (280).

Calma, gente, já liguei para B. e contei dos bafos que tem rolado aqui. Infelizmente ela não leu o texto da LS, mas mandou dizer que não vai sair da sala de estar, inclusive ela mandou fazer outra com o dinheiro que ganhou com BK (364).

LS: não gostei do trabalho da B porque ela glamouriza a Africa, eu tenho local de fala porque sou antropóloga e sei dos problemas dos negros mesmo sendo branca (nesse meme há foto de uma Barbie)⁷ (151).

2.3.4. Argumento

Nesse subgrupo, busca-se desenvolver uma argumentação que traga razões para o enfrentamento da posição de LS. Aqui é preciso contradizer os argumentos apresentados na resenha, afirmando, por exemplo, que: B tem conhecimento da cultura negra, ao contrário do que escreve LS; B mostra o passado apagado da cultura negra; LS não entendeu o projeto, que fala de esperança e de

⁷ Disponível em: <<https://pbs.twimg.com/media/EediWO-WoAAKL1I?format=jpg&name=small>>.

representatividade; LS não assistiu *Lemonade*, para ter uma ideia mais ampla do trabalho de B ao dar valor ao povo preto; o projeto de B busca dar visibilidade para a cultura negra e africana, ao trazer para o filme o poder da cosmovisão e da estética afrocentradas e afrofuturistas; LS usou régua eurocêntrica; o texto de LS é academicista e arrogante; LS não compreendeu como B elogia a ancestralidade, exalta as cores, as estampas, os penteados, a glória de África. Alguns exemplos:

O mais triste é a carteirada acadêmica posta para suprimir o lugar de fala de pessoas negras em suas próprias epistemologias (167).

Há que ter muita vontade para reduzir uma produção tão complexa e significativa a brilho e oncinha, muita arrogância para dizer que a juventude negra não se identificará com o filme e pretender ensinar como B. deve combater o racismo. (174)

É justamente aí que mora o equívoco-mor: achar que B. caiu numa representação caricata, quando na verdade ela se aproxima dessa visão para reescrever a história. B. está dois passos à frente (190).

Eu fico muito feliz de B. estar em sua sala de estar. Por séculos e séculos mulheres negras foram limitadas à cozinha da casa grande (262).

2.4. Balanço ponderado

Essas mensagens buscam refletir sobre o ocorrido, reconhecendo os erros de LS, mas também apontando os pontos positivos do texto e as contradições ligadas a B. Tanto o filme quanto o artigo são criticados, deixando o espaço para o contraditório e o diálogo. Trata-se de uma tentativa de olhar para os dois lados do confronto. Há sempre um “mas” que realiza um balanço de acertos e erros. LS errou, mas B é bilionária e está inserida no contexto global de exploração:

A Lilia Schwarcz não entendeu Black Is King mas por outro lado a Beyoncé continua na onda errada do “black bill gates in the making”, falando em escolhas que definem o futuro etc. Então vou continuar sem abordar a política da Bey pra não deixar de ser beyfã kkkkkkk mas po Lilia (19).

Outra oposição desse gênero é encontrada pela via da cultura do cancelamento, na qual o linchamento virtual pelo argumento do lugar de fala é tão problemático quanto o texto de LS:

Eu acho que a Lilia Schwarcz errou ao publicar um texto criticando o novo álbum e a proposta da Beyoncé, apesar de historiadora, não precisava ter escrito. Mas infelizmente na era do cancelamento, tudo o que ela representa e já produziu não é levado em consideração. (caso 491);

Outra forma de organizar esse contraponto discursivo é pelo tema do acadêmico e seu papel na sociedade. Por um lado, sua posição na sociedade garante a chancela (poder/fazer) para escrever e refletir sobre tais temas, inclusive para errar. Por outro, há a crítica ao intelectual que tenta falar de todos os assuntos, mesmo quando não lhe dizem respeito.

Ñ concordo com @LiliaSchwarcz na sua crítica ao álbum Black is King de Beyonce. Mas, tbm ñ concordo c essa militância lacrativa q NUNCA SEQUER ESCREVEU UM PARÁGRAFO DE UMA REDAÇÃO e hj quer deslegitimar toda a carreira intelectual e acadêmica da historiadora. Fandom tem limites. (518);

Vendo essa "treta" em q a Lília Schwarcz se meteu a despeito do clipe da Beyoncé repenso a problemática do "intelectual total", q no afã de querer dar conta de tudo acaba não ultrapassando a superfície de nada. No BR, há todo um mercado q absorve e nutre esses pensadores totais. (564)

O discurso também pode ser estruturado não colocando no centro a contraposição entre B e LS, mas partindo da discussão para refletir sobre um cenário mais amplo, incluindo a situação política do país, a circulação de informação nas redes etc.

Responda rápido: Se as eleições fossem hoje, você votaria em Lilia Schwarcz ou em Beyoncé? A esquerda está dividida de novo! (caso 660); Bolsonaro ia dar um golpe no stf e comer o cu de quem tá lendo. Progressismo difuso: que loucura, né? Lilia Schwarcz: a Beyoncé deve fazer assim e assado. Progressismo difuso: FOGO NA INTELEKKTUAL, PRECISAMOS PASSAR 1 MES REPUDIANDO. A gente merece Bolsonaro até 2072 (669).

2.5. Defesa de LS

2.5.1. Crítica ao cancelamento

Neste subgrupo, o argumento dominante é a crítica à cultura do cancelamento, que usa termos como “canceladores do Twitter” para definir quem ataca a professora, e defende que os atacantes, com a alegação do não-lugar de fala, não apresentam sequer argumentos para cancelar LS. O linchamento virtual, segundo os anti-cancelamento, também pode ocorrer pelo simples fato de LS ter criticado B, uma *diva pop* defendida incondicionalmente pelos fãs. Nessa linha, os usuários ainda lamentam o esvaziamento do debate pelos canceladores, que recorrem a “enlatados conceituais” ou “frases lacradoras”, e defendem que Lilia é uma aliada dos movimentos sociais e não apenas uma historiadora branca racista. A abordagem pode ser resumida a partir do tweet:

Lilia schwarcz, a bola da vez nas terras do cancelamento. Duvido q a maioria tenha lido integralmente a coluna. 99% de reconhecimento ao trabalho da B e 1% de crítica, o suficiente para uma mulher acadêmica com obras publicadas sobre a questão racial ser considerada racista. (275)

2.5.2. Predicados de LS

Essa abordagem se concentra em apenas listar os predicados da professora, incluindo seu extenso currículo, o fato de ser uma “grande intelectual” e “extremamente competente”. Alega-se que os canceladores não conhecem quem é LS para além do artigo sobre *Black is King* e estão ignorando seu “grande legado” como pesquisadora e acadêmica, como em:

Lilia Schwarcz é uma das maiores historiadoras brasileiras contemporâneas. Daí escreve um texto sobre álbum de Beyoncé (?) e ainda tem de pedir desculpas. É triste a vida do intelectual progressista. Eles não se sentem humilhados com isso? Queria entender (297).

Outras postagens do subgrupo parabenizam LS pelo texto na *Folha* ou pela coragem de se desculpar após o ocorrido. Lilia também é apresentada como mais próxima da realidade brasileira do que B, que, apesar de negra, não habita nossas terras colonizadas.

2.5.3. Má interpretação

Outro argumento que circula entre os defensores discorre que os que criticam LS não entenderam o que ela quis dizer com o texto. Esses usuários convocam os canceladores a lerem/relerem a crítica de LS ou a aguçarem sua análise crítica, como no exemplo:

Tenho certeza que muitos que estão falando da Prof^ª Lilia Schwarcz sequer conheciam o seu nome. A Prof^ª Lilia teceu argumentos fundamentados, uma crítica. Ela não desmoralizou o trabalho da Beyoncé. Outra, uma crítica tecida para a Beyoncé ã faz do indivíduo um racista (497).

2.5.4. Argumento de autoridade

Ainda existem aqueles que defendem a historiadora por meio de um “argumento de autoridade”, ou seja, incluindo outras críticas ou referências que concordam com ela, em sua maioria de pessoas negras ou de outros pesquisadores da negritude:

A visão pan africanista do afro americano estadunidense, aparentemente estereotipada na recente obra de Beyoncé, pode, sim, infelizmente ser problemática como mostra @LiliaSchwarcz. Quem expõe isso com clareza é Appiah no Livro A Casa de Meu Pai. Segue um breve fio (370).

2.5.5. Apropriação capitalista

Em menor número, estão aqueles que criticam a apropriação da pauta da negritude pelo mercado, ou seja, o uso do tema por grandes artistas como B e grandes indústrias do entretenimento, como a Disney, que não estão realmente comprometidos com a causa, como em:

que critica maravilhosa, infelizmente a Beyoncé só lembra da negritude dela quando está em cima de um palco, ou quando está com os holofotes

virados para ela, fora disso ela não se posiciona, nem politicamente e nem de forma nenhuma (461)!

2.6. Sem posicionamento

No grupo daqueles que não se posicionam com relação à controvérsia, estão: os perfis que apenas descrevem o caso; os que tentam explicar a polêmica, em sua maioria interagindo com outros usuários; aqueles que apenas repercutem as notícias, com *links* para portais e outras análises; e, ainda, aqueles que estão perdidos com relação ao ocorrido. Em comum, os usuários desse grupo não tomam partido no “nós *versus* eles” criado a partir do episódio e, apesar de se pronunciarem, reagem a respeito da repercussão do caso e não sobre o mérito da questão. Exemplos:

Na minha visão simplória e simplista não vi dano na análise e até concordei com o ponto de vista. Mas eu sou só um branco fã de Beyoncé e Lilia Schwarcz portanto sem nenhuma condição de avaliar nada (557).

Nossa, nessa polêmica da Lilia Schwarcz eu tava mentalmente confundindo ela com a Laura Carvalho e sem entender pq ela tinha falado da Beyoncé e tal... Cheguei a conclusão que nem conheço a Schwarcz (382).

2.7. Contra a Folha – com questionamento do veículo de comunicação

No grupo que direciona sua crítica ao veículo de comunicação, apesar de muitos usuários também se posicionarem contra LS, o argumento forte é um questionamento à *Folha*, seja pela escolha da professora para escrever a crítica ao filme, já que se trata de uma antropóloga branca que não é especialista nesse tipo de análise; seja pela composição em geral dos seus colunistas; ou pela escolha do título.

Eu gosto dos artigos da Lilia Schwarcz mas a Folha de SP n tinha outra pessoa para opinar sobre o clipe de Beyoncé? Um cinegrafista, um músico ou antropólogo especialista de fato em diásporas e suas apropriações. É foda uma privilegiada que manda a outra sair da sala do jantar (157).

A compreensão da ancestralidade é algo importantíssimo para os negros. O artigo sugere que a estética Disney de Black is king não contempla a África atual, mas a @LiliaSchwarcz aparenta estar sendo julgada mais pelo título da matéria que espinafra a Beyonce do que pelo conteúdo (624).

2.8. *Contra Beyoncé*

Em uma amostra pequena das postagens, estão aquelas que não se posicionam em relação a LS, mas sim contra B. Os usuários criticam a visão estereotipada da cantora, a representação irreal ou ocidentalizada do povo negro, a escolha da *Disney* para produzir e veicular a obra, a ausência de vínculo real da cantora com movimentos antirracistas, ou simplesmente sua má qualidade como artista. Alguns deles usam esses argumentos para invalidar a discussão como um todo, explicando que não há sentido em debater a crítica de Lilia ou o filme de B considerando que ela não é uma boa cantora, como em:

Beyoncé é uma artista Pop e a essência do Pop é pegar td que é referência, jogar numa salada e vender no mercado. Enquanto o povo fica brigando, a artista não tem ideia dos conceitos aqui discutidos e está enchendo os bolsos (513).

Outros argumentam no sentido da crítica da indústria cultural ou da não-representatividade de Beyoncé com relação à negritude, como no post:

é patético supostos identitários virem criticar Lilia pra defender a cantora. Beyoncé não é representante do movimento afro ou da negritude africana. Nem perto. É apenas um braço poderoso da indústria cultural (comandada por brancos ricos), que lucram com a lacração (424).

2.9. *Crítica da própria discussão*

Nesse pequeno grupo, alvos não são LS ou B. Há mensagens que criticam a relevância da discussão em comparação com outros temas, como a crise sanitária:

A galera reclamando de uma fala besta da lilia schwarcz e muitos pobres, principalmente negros e pardos, ainda não receberam nem a segunda

parcela do auxílio emergencial. Essa semana já discutimos se o Thammy é pai ou não, e agora as roupas da Beyoncé... tsc tsc (371).

O debate é também visto como inefetivo, pois é guiado pelas lógicas de atenção das redes, das curtidas e regulado pelo cancelamento, ou seja, incapaz de produzir algum tipo de síntese, consistindo simplesmente em uma polêmica nas redes sociais:

mas ok, tb acho que essas falsas polêmicas na internet acabam sempre capitalizadas pro mainstream ganha a folha, ganha a beyonce ganha o twitter, ganha sempre o capital. o que a gente acha é sempre o que menos importa (622).

2.10. Matérias jornalísticas

Também em pequeno número, estão as postagens que trazem matérias jornalísticas ou *links* para portais de comunicação. Os tuítes são de autoria dos veículos de comunicação, como *Folha* e *Veja São Paulo*, ou de quem escreveu esses textos linkados, em seus perfis pessoais. Algumas postagens incluídas neste grupo apenas marcam o perfil da *Folha* e foram computadas aqui por sua afinidade temática e pouca diferenciação em termos discursivos. Exemplos:

OPINIÃO | Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha. Diva pop precisa entender que a luta antirracista não se faz só com pompa, artifício hollywoodiano, brilho e cristal (por @LiliaSchwarcz)
https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha ... (213);

Iza rebate crítica de Lilia Schwarcz sobre Beyoncé: “Estaria com vergonha”
<https://www.gruporioclarosp.com.br/2020/08/03/iza-rebate-critica-de-lilia-schwarcz-sobre-beyonce-estaria-com-vergonha/> ... (306)

3. Circuitos de afetos

O circuito dos afetos que caracteriza os discursos que sustentam os regimes de interação nessas conversas nos tuítes se orienta basicamente segundo três eixos: colérico (146 casos), crítico (387 casos) e ponderado (58 casos). Desconsideraremos, nesse exame, os grupos 6 e 10, pois incluem as falas sem posicionamento e da imprensa, que não nos trazem regularidades em relação aos afetos. Ficam de fora, portanto, 76 casos.

O eixo da cólera, centrado num forte descontentamento, nos apresenta um sujeito frustrado, que se sente traído, passa a um descontentamento e se torna agressivo (Greimas, 2014, p.234). O eixo da crítica também opera a partir da cólera, mas já de modo atenuado, de modo que o sujeito irritado não chega a ser propriamente agressivo, embora ainda projete no horizonte o cancelamento do inimigo. Nesses dois eixos a posição de sujeito adversário é desconstruída e atacada. O terceiro eixo constrói um debate sobre as duas posições e faz um balanço ponderado.

Deste modo, podemos caracterizar o eixo 1 como do cancelamento total, da retirada da dignidade do adversário, tratado como inimigo a ser desprezado e atacado até com injúria; o eixo 2 como aquele que ainda se desenvolve a partir do percurso colérico, mas com atenuação da agressão, concentrando o debate em torno da questão da raça: quem é branco não pode criticar os negros, porque esse não é seu lugar de fala, essa não é sua vivência; e o eixo 3 como o único que permite debate ponderado.

Com isso podemos construir uma tabela com a explicitação das posições de sujeito enunciador em cada um desses eixos, acompanhada dos pontos nodais de cada discurso, do percurso passional do sujeito e das proposições sobre o antissujeito. Antes, examinemos esses conceitos. Ponto nodal é um conceito de Laclau a partir do *point de capiton* lacaniano (baseado no capitonê da tapeçaria), e se refere ao ponto na cadeia significante em que se dá a costura de um discurso a partir de um significante vazio, que perde sua denotação e assume uma conotação específica dentro desse discurso que está sendo costurado. Imagine-se uma situação social caótica, de total desordem. Para recuperar um discurso de ordem, é

preciso que algum enunciador proponha uma interpretação da situação que ninguém havia considerado, para que se consiga unir os diferentes que se enfrentavam e não se entendiam. Žižek dá o exemplo do cristianismo:

Como não evocar aqui o cristianismo, não tanto do ato de Deus que fez do caos um mundo ordenado, mas antes na reviravolta decisiva da qual resultou a forma definitiva da religião cristã, forma exaltada na tradição que nos é própria – refiro-me ao corte pauliniano – S. Paulo centrou todo o edifício cristão no ponto que até então se afigurava aos discípulos de Cristo como um trauma horripilante, ‘impossível’, não simbolizável e não-integrável em seu campo de significação: sua morte vergonhosa na cruz, entre os dois salteadores. Dessa derrota final de sua missão terrestre, que aniquilara a esperança da libertação (dos judeus da dominação romana), S. Paulo fez o próprio ato de sua salvação: com sua morte, Cristo havia redimido, salvo o gênero humano (Žižek, 1991, p. 47).

A cólera é um estado complexo em que a frustração pressupõe logicamente um estado anterior em que o sujeito tinha esperanças, ansiando por algo que seria seu por direito (Greimas, *idem*, p.235). Trata-se de uma comunidade de tuiteiros defendendo valores ligados à negritude que se sentiu desrespeitada por LS, que resulta colocada na posição de antisujeito frente a esse discurso. Nesse caso, a posição de sujeito⁸ se refere aos discursos identitários, erigidos por uma expectativa de direitos de fala, de respeito e de reconhecimento. LS, ao criticar um ideal construído por B no filme em debate, destrói essas expectativas e ativa intensa frustração, variável em sua gradação, como vimos nos eixos de 1 a 3. Onde a frustração é maior, a agressividade domina, chegando ao ápice nas mensagens escatológicas e que enfatizam a raça (grupos 1 e 2, eixo 1 do circuito); em outros grupos temáticos a passionalidade se ameniza, em alguns com possibilidade de debate. Nos tuítes que giram em torno do cancelamento, seja dos canceladores em si ou dos anti-cancelamento, grande parte dos posts se sustentam nos significantes vazios “lugar de fala”, “negritude” e “branquitude”⁹. Nesses casos, a frustração

8 Posição de sujeito em Laclau é forma de evitar uma concepção individualista de sujeito, tratando-o a partir do discurso, ou seja, é uma posição discursiva, de um enunciador dentro de um discurso e não de uma “totalidade originária e fundante” (Laclau, 2015, p. 191).

9 O conceito de “lugar de fala” nasceu para reivindicar diferentes pontos de partida para uma análise de conjuntura, entendendo “as diferentes condições sociais que permitem ou não que esses

implica em disjunção em relação a um contrato, que se esperava ter com LS, defensora e teórica da história da escravidão, que é rompido quando a pesquisadora critica B, ícone da negritude. Nesse ponto se coloca a divisão “*nós versus eles*”, que consiste em: aqueles que estão certos (inclusive moralmente) *versus* aqueles que são politicamente incorretos – de acordo com o *background* teórico que sustenta a fala. As mensagens colocam de forma clara que alguém com quem acreditávamos contar rompe um contrato ao falar mal do ícone B. O descontentamento é também acompanhado de decepção, que caracteriza grande parte dos posts. LS rompeu a confiança da comunidade negra ao destruir um simulacro mítico em torno de B; ela não entendeu o que B significava, os sentidos de união e de recuperação da cultura ancestral que ela construiu com sua estética *pop-Disney*.

Tabela 2: Divisão dos grupos temáticos de acordo com os circuitos dos afetos

Eixo	Casos	%	Posição de Sujeito	Ponto Nodal	Percurso Passional	Antisujeito LS	Antisujeito B
1 (grupos 1 e 2)	146	22 %	Colérico	Lugar de fala ilegítimo; branca não autorizada	Cólera agressiva	Merece xingamento; desrespeitosa; branca metida; sem noção	
2 (grupos 3, 4, 5.1, 7 e 8)	387	58 %	Crítico		Cólera atenuada	Falta de entendimento; desconhecimento da atuação política de B	Cantora capitalista do pop Disney, filme comercial que estereotipa a África

grupos acessem lugares de cidadania” (Ribeiro, 2017). Trata-se de uma análise que leva em conta o *locus* social, mas que se tornou argumento de validação de quem pode ou não falar. Já o debate sobre negritude e branquitude apoia os estudos com enfoque racial ao pautar não só o racismo e as opressões do povo negro, mas também o lugar de poder do branco que, ao ser universalizado, tem como ponto cego o próprio processo de racialização (Schucman, 2019). Tais pautas, urgentes no debate social, muitas vezes se tornam confrontos antagonísticos, perdendo potência de transformação nas redes sociais ao servirem de combustível aos movimentos de cancelamento.

3 (grupos 5.2 a 5.5 e 9)	58	9%	Ponderado	Contra o cancelamen to	Paixão conduzida pela argumentaç ão racional	Pontos positivos e negativos no texto de LS	Não está acima das críticas; esteriotipa a África
Outros (6 e 10)	76	11 %	Sem posicionamen to	-	-	-	
	667	100 %					

Fonte: autoria própria

As comunidades identitárias são compostas por sujeitos politicamente impacientes e sua impaciência é tanto maior quanto menos aceitos são os contratos de entendimento do racismo estrutural e das lutas contra ele. Nessa direção, LS é acusada inúmeras vezes de “não entendimento” das lutas e da potência do aparelho-B. Desperta-se aí algo intolerável para os movimentos, que escorva o percurso da cólera. Dentro da comunidade e de seus simpatizantes, que aparecem nos tuítes, é possível vislumbrar, a partir desse confronto LS-B, formas de ajustamento para um diálogo sustentável, evitando-se posições de juízo radicais, que rompam o contrato de confiança. Há matizes em relação a esses estados passionais. Na crítica à LS, alguns usuários acionam afetos de alegria, como aqueles que exaltam que a representação dos negros não precisa estar atrelada ao seu passado escravocrata, à diáspora ou ao sofrimento. Eles defendem o glamour e a estampa de oncinha como possibilidades de fabular sobre a história do povo negro, criando novos sentidos àqueles que tiveram seu passado roubado pela branquitude. Mas, exceto em alguns grupos temáticos, como vimos, em geral esses estados vêm atrelados à cólera contra quem rompeu o contrato de confiança. Há ainda aqueles enunciadores que ativam um percurso irônico e constroem sua fala com base no humor, sejam num posicionamento contra LS, a favor, ou ironizando a discussão como um todo, negando a relevância do debate. Muitos deles fazem uso da linguagem memética para inverter falas daqueles realmente envolvidos na discussão ou brincar com os sentidos envolvidos no caso (cf Fachine, 2019).

Os movimentos conhecidos como identitários têm importância ao destacarem experiências específicas, como das mulheres negras, e incoerências que permeiam propostas políticas e ideológicas. Entretanto, em sua abordagem atual, muitas vezes tornam-se também problemáticos, na medida em que essencializam a noção de identidade e naturalizam o que seriam efeitos contingentes de poderes sociais historicamente específicos (BROWN, 2001), buscando argumentos para o “cancelamento” a partir do referido percurso da frustração-descontentamento-agressividade, ou seja, o percurso da própria cólera em seus sentidos complexos. O cancelamento, mais do que um ato pontual ou individual, é um linchamento virtual coletivo, que substitui o debate argumentativo por um ataque pessoal a quem proferiu o posicionamento controverso. A questão que todo esse debate LS-B coloca é: como construir uma política sem cancelamento?

Greimas explica que, após a falta fiduciária, ou seja, após a quebra do contrato de confiança, em que o sujeito frustrado passa ao ato, pode ocorrer agressividade, agressão e desejo de vingança, punindo-se o ofensor com cancelamento. Nossa tabela dos circuitos dos afetos mostra que o eixo mais carregado de cólera não é o mais populoso, com 21,9% dos retuítes; o mais populoso é o eixo 2, ainda com certa cólera, mas atenuada, que chamamos de crítica irritada, com 58%. O eixo do balanço ponderado apresenta apenas 8,7% dos retuítes. Examinando esses valores vemos que ainda há possibilidade de debate. Uma saída democrática implicaria em enfrentar a formação das identidades políticas de modo a não radicalizar os antagonismos, mesmo que não transcendendo a relação nós/eles. A possibilidade de debate se abriria para os eixos 2 e 3, com 66,7% dos retuítes. Seria o caso de domesticar as relações antagonistas, como explica Mouffe, de modo a “não destruir o ente político” (2015, p. 18). Essa seria a saída democrática, preservando o vínculo. Diz Mouffe:

Se por um lado queremos reconhecer a permanência da dimensão antagonista do conflito, e por outro permitir a possibilidade de que ele seja ‘domesticado’, é necessário considerar um terceiro tipo de relação [...].

Enquanto o antagonismo é uma relação nós/eles em que os dois lados são inimigos que não possuem nenhum ponto em comum, o agonismo é uma relação nós/eles em que as partes conflitantes, embora reconhecendo que não existe nenhuma solução racional para o conflito, ainda assim, reconhecem a legitimidade de seus oponentes. Eles são 'adversários', não inimigos. Isso quer dizer que, embora em conflito, eles se consideram pertencentes ao mesmo ente político, partilhando um mesmo espaço simbólico dentro do qual tem lugar o conflito. Poderíamos dizer que a tarefa da democracia é transformar antagonismo em agonismo (Mouffe, 2015, p. 19).

Referências bibliográficas

- BROWN, Wendy. *Politics out of history*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- FECHINE, Y. *Cultura participativa e interação*. Uma abordagem sociosemiótica da propagação em redes sociais digitais. São Paulo: CPS, 2019.
- FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. In: Revista Contracampo, v. 31, n. 1, ed. dezembro-março ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014. Págs: 5-22.
- FECHINE, Y.; LIMA, C. A. R. O papel do fã no texto transmídia: uma abordagem a partir da televisão. MATRIZES, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 113-130, 2019a.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- GREIMAS, A.J. *Sobre o sentido II*. São Paulo, Edusp, 2014.
- JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. Nova Iorque: New York University Press, 2006.
- LACLAU, E.; MOUFEE, C. *Hegemonia e estratégia socialista*. SP: Intermeios, 2015.
- LANDOWSKI, E. *Para uma semiótica sensível*. Revista Educação & Realidade, XXX, 2, Porto Alegre, 2005 Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12417>>. Acesso em 2 jan.2021.
- MOUFFE, C. *Sobre o político*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Monteiro. *Mapping Brazil's Political Polarization Online*. The conversation. Ago. 2018. Disponível em: <<https://theconversation.com/mapping-brazils-political-polarization-online-96434>>. Acesso em: 03 set. 2020.
- PRADO, J.L.A. Capitais de midiatização: da circulação à propagação interativa. In: *Questões transversais*, v.8, n.16, pp.1-20, jul-dez 2020.

PRADO, J.L.A.; PRATES, V. (org.) *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

PRADO, J.; PRATES, V. Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018. *E-Compós*, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.30962/ec.2107>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. *Galáxia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, [S.l.], n. 28, dez. 2014. ISSN 1982-2553. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/17911>>. Acesso em: 03 set. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificanto, 2017.

ROCHA, C. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, E. (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/37688171/O_boom_das_novas_direitas_brasileiras_financiamento_ou_milit%C3%A2ncia>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SANTOS JUNIOR, M. A. Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. *Revista Geminis*. São Carlos, ano 7, n. 1, p. 111-145, 2016.

SCHUCMAN, Lia. Lia Vainer Schucman fala dos privilégios da branquitude. Entrevista concedida a Ricardo Alexino Ferreira. *Jornal da USP*. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/radio-usp/programas/lia-vainer-schucman-fala-dos-privilegios-da-branquitude/>>. Acesso em: 05 set. 2020.

SCHWARCZ, Lilia M. Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha. *Folha de S. Paulo*, 3/8/2020.

ŽIŽEK, S. *O mais sublime dos histéricos*. Hegel com Lacan. RJ: Zahar, 1992.